

O massacre dos inocentes: a reacção das *newsmagazines* portuguesas e brasileiras ao atentado contra a escola de Beslan

Maria Érica de Oliveira Lima (Universidade Metodista de São Paulo e bolsista do Programa ALBan na Universidade Fernando Pessoa) e Jorge Pedro Sousa (Universidade Fernando Pessoa, e CIMJ)

1. Introdução

A 1 de Setembro de 2004, primeiro dia do novo ano escolar, um grupo de terroristas¹ islâmicos e independentistas chechenos invadiu uma escola na cidade de Beslan, na República Federada Russa da Ossétia do Norte, fazendo 1200 reféns, entre os quais muitas crianças. Sem comida e sem água, as crianças foram obrigadas a beber a própria urina para não se desidratarem. Mulheres e adolescentes foram violadas pelos sequestradores, que armadilharam a escola com explosivos. A 3 de Setembro, pelas 13h (hora local), os terroristas islâmicos dispararam contra um grupo de crianças que tentou escapar, o que motivou a intervenção descoordenada e não planeada das forças russas e das milícias armadas formadas por familiares dos sequestrados. Ouviram-se, então, duas fortes explosões, e o tecto do ginásio, onde estavam concentrados os reféns, ruiu. Os sequestradores começaram, também, a disparar indiscriminadamente sobre os reféns. Ainda hoje não se sabe exactamente quantas pessoas morreram em Beslan, quer por causa da queda do tecto e das execuções dos reféns perpetradas pelos terroristas islâmicos, quer por causa da troca de tiros durante a intervenção das forças russas. Há estimativas que apontam para mais de 500 vítimas mortais, entre as quais três centenas de crianças. A notícia do sucedido rapidamente correu o mundo. Assim, este trabalho tem por objectivo analisar a forma como as principais revistas semanais de informação generalista, de dois países lusófonos, reagiram ao acontecimento, tentando detectar semelhanças e diferenças na cobertura. Elegeu-se a análise de conteúdo como método, até porque outras análises de conteúdo sobre a cobertura de acções terroristas proporcionaram resultados relevantes, como as de Atwater (1991), Weimann e Brosius

¹ O acto enquadra-se no conceito de terrorismo definido pela ONU.

(1985) e Simmons (1991), que descobriram que ao cobrirem o terrorismo os meios jornalísticos enquadram o jornalismo pelo prisma dos valores dominantes da sociedade. A definição das categorias para a análise de conteúdo e variáveis emergentes² foi feita tomando em consideração que essa mesma análise procuraria testar várias hipóteses, sustentadas pela teoria do jornalismo, e responder às perguntas de investigação que delas emergiram:

Hipótese 1: O elevado grau de noticiabilidade do atentado, decorrente da confluência de vários critérios de noticiabilidade e outros factores, relevaram o atentado entre a informação.

Pergunta de pesquisa 1: Qual foi a relevância informativa concedida ao atentado?

Hipótese 2: A brutalidade do atentado centralizou a cobertura no próprio evento, embora o papel tradicional da imprensa escrita de referência como provedora de análises e informação mais extensa tenha temperado as notícias duras com matérias de contexto e argumentação.

Pergunta de pesquisa 2: Quais as macro-temáticas predominantes na informação sobre o atentado?

Hipótese 3: O carácter brutal do atentado promoveu a informação noticiosa.

Pergunta de pesquisa 3: Quais os géneros textuais usados para a cobertura do atentado?

Hipótese 4: A facilidade de acesso, por um lado, e a necessidade de saber o que se passava e de referenciar a “visão local” sobre o acontecimento, por outro, impuseram o recurso equilibrado a fontes portuguesas (revistas portuguesas), brasileiras (revistas brasileiras), russas e chechenas.

Hipótese 5: As fontes oficiais são dominantes.

Pergunta de pesquisa 4: Quais são as fontes presentes nas matérias sobre o atentado?

Hipótese 6: As fotografias jornalísticas reforçaram os enunciados verbais.

Pergunta de pesquisa 5: Quais os enquadramentos temáticos das fotografias jornalísticas sobre o atentado e que relação se pode estabelecer, caso exista, entre os enquadramentos temáticos e o tamanho das fotos?

Pergunta de pesquisa 6: Quais as personagens nas fotografias?

Foram, assim, analisadas quantitativamente as primeiras edições das revistas brasileiras *Veja* (8 de Setembro), *Isto É* (8 de Setembro) e *Época* (6 de Setembro) e das revistas portuguesas *Visão* (9 de Setembro), *Focus* (8 de Setembro) e *Sábado* (10 de Setembro) logo após o atentado. As matérias foram classificadas pelos dois pesquisadores, sendo que a aferição de fiabilidade inter-codificadores foi, em todos os casos necessários, feita em função do conjunto de matérias codificadas.

² Por restrições de espaço, torna-se impossível definir categorias e variáveis neste texto para actas.

2. Resultados

A análise quantitativa do discurso permitiu, genericamente, observar que as revistas tiveram comportamentos diferenciados, menos dependentes da nacionalidade do que das linhas editoriais.

2.1 Destaque dado ao atentado nas primeiras páginas

As revistas que deram mais atenção ao atentado nas primeiras páginas foram a *Veja* (100% da superfície) e a *Visão* (92,9%), que podem considerar-se revistas irmanadas na linha editorial, e ainda a *Focus* (69,3%). Pode também dizer-se que as revistas portuguesas deram, no geral, mais destaque ao atentado do que as brasileiras, já que todas as portuguesas “puxaram” o assunto à primeira página, ao contrário das brasileiras, embora na *Sábado* o assunto tivesse tido uma importância residual.

Assim, pode dizer-se que, ao contrário do que sucedeu nas outras revistas, o atentado mobilizou a atenção informativa da *Veja*, da *Visão* e da *Focus*. A *Veja* dedicou-lhe a totalidade da primeira página, a *Visão* cedeu-lhe quase 93% da superfície da “um” e a *Focus* usou 69,3% da primeira página para evocar o atentado. Por um lado, os resultados mostram que para as três revistas e para os seus jornalistas o atentado constituiu o assunto mais importante da actualidade, possivelmente devido à transnacionalidade e transorganizacionalidade dos critérios de noticiabilidade, que no caso da *Veja* e da *Visão* resultam de linhas editoriais semelhantes; por outro lado, se os meios têm a capacidade de definir simbolicamente a importância de um acontecimento e a gravidade de uma crise, então é visível que o atentado foi socialmente comunicado através das três revistas como sendo uma crise grave, provavelmente por estabelecer um novo patamar no terror e na conceptualização do desvio às normas (culturais) de convivência social: a violência maciça contra crianças. Os brasileiros e portugueses leitores dessas revistas (sendo a *Veja* a revista generalista de maior circulação no Brasil e a *Visão* a *news magazine* de maior circulação em Portugal) consumiram, assim, mensagens formalmente similares. Porém, simbolicamente o atentado foi desvalorizado pelas restantes revistas. A *Sábado* reservou a “um” para uma matéria sobre o casamento, a *Isto É* para um herói brasileiro das Olimpíadas e a *Época* (“gémea” da *Focus*) para outro tema soft, o da “sorte”. Para essas revistas, editorialmente o terror

será menos compensador, como opção editorial, do que matérias ligadas ao lado “positivo” da vida. No seu segmento de mercado, o enfoque positivo venderá mais.

2.2 Destaque dado ao atentado no corpo das revistas

Quanto ao espaço dedicado ao atentado no corpo das revistas, estas podem separar-se em três grupos: por um lado, a *Visão* (15,4% da superfície com informação) e a *Veja* (18,4%), que fizeram uma ampla cobertura do atentado, apontando para a elevada importância simbólica do acontecimento; por outro, as restantes revistas brasileiras (*Época*, 4% e *Isto É*, 4,6%); finalmente, a *Sábado* (6,7%) e a *Focus* (7,1%), situadas num ponto intermédio no que respeita ao destaque dado ao atentado. No conjunto, pode também dizer-se que as revistas portuguesas falaram mais do atentado do que as brasileiras, quer por eventuais razões de proximidade geográfica, quer porque, hipoteticamente, o terrorismo afecta mais os europeus do que os brasileiros, pese, embora, o comportamento dissonante da *Veja* no quadro das revistas brasileiras.

Os dados também permitem dizer que as revistas portuguesas tendem a fragmentar mais a informação (mais matérias com menos superfície) do que as brasileiras, o que indicará diferenças editoriais resultantes da nacionalidade.

2.3 Destaque dado ao atentado no contexto da informação internacional

A *Veja* dedicou 46,8% da superfície com informação internacional ao atentado; a *Sábado*, 44,4%; a *Visão*, 38,2%; a *Focus*, 32,8%; a *Isto É*, 23,5%; e a *Época*, 12%. Em suma, em todas as revistas, com exclusão da *Época* (provavelmente por força da linha editorial), o atentado foi tema forte no âmbito da informação internacional (com destaque para a *Veja*, a *Visão*, a *Focus* e a *Sábado*), dada a sua forte noticiabilidade. Assim, simbolicamente, as revistas anunciaram aos leitores lusófonos que o atentado merecia a atenção internacional, tendo em conta o desvio à “normalidade” que esse acontecimento encerrou.

2.4 Temáticas na cobertura do atentado

As revistas apresentam algumas semelhanças na centralidade informativa concedida ao atentado em si (*O que ocorreu? Como ocorreu?*), sempre com valores de 70% ou mais da superfície ocupada com matérias sobre o atentado. Tal facto correlacionar-se-á com o

grau de choque que o acontecimento provocou nas sociedades portuguesa e brasileira. Os jornalistas de Portugal e do Brasil, antes de mais, vivem no seio das respectivas sociedades e culturas (de matriz ocidental), pelo que terão percepcionado o atentado como um acontecimento profundamente desviante em relação às normas vigentes em ambas as sociedades. O choque e a comoção terão levado as revistas a relembrem os eventos e fazerem o luto.

O segundo vector de cobertura em todas as revistas, com valores próximos dos 10% da informação sobre o atentado (com excepção da *Época*, que só fala do que aconteceu e como aconteceu), recaiu na resposta a “*porquê?*”, o que significou explorar o contexto da situação. Ter uma explicação para acontecimentos traumáticos e violentos, inclusivamente por motivos de segurança pessoal, parece ser recorrente entre os seres humanos e, conseqüentemente, entre os meios jornalísticos, conforme se descortina pela cobertura de vários atentados (Sousa, 2004; Sousa, 2004 b).

As revistas que mais fragmentaram a cobertura do acontecimento, *Visão* e *Focus*, aproveitaram para caracterizar, com intenções contextuais, os assassinos nacionalistas chechenos e fundamentalistas islâmicos que perpetraram o acto (resposta a “*quem?*”). A *Visão* é a única que relembra a política do Kremlin de restrição a liberdade (real) de imprensa no caso do conflito checheno, por vezes por meios obscuros e enfiados. Tendo em conta os valores jornalísticos, como o apego à liberdade de expressão e de informação, seria de esperar que as restantes revistas individualizassem esse tema.

Há que referir, por outro lado, que as revistas portuguesas resistiram mais do que as brasileiras a misturar argumentação e a expressão da revolta com os conteúdos noticiosos. É por isso que nas revistas portuguesas há matérias classificadas em “Voz editorial e argumentação em geral” e nas brasileiras não. Nas revistas brasileiras, a “voz editorial” e a “argumentação” insinuam-se no relato noticioso, que passa a adquirir características mistas noticioso-argumentativas. Em suma, as revistas brasileiras denotaram, nesse particular, uma mais vincada *latinidade* na cobertura, enquanto as portuguesas procuraram seguir mais a via de separação entre notícia e comentário, aberta pelo jornalismo noticioso anglo-saxónico.

Ao contrário do sucedido com jornais diários na cobertura de atentados (Sousa, 2004; Sousa, 2004 b), as revistas, com excepção da *Focus*, não incluíram matérias de reacções verbais ao acontecimento, o que evidencia as diferenças nas rotinas profissionais entre

diários e revistas semanais, que apresentam formas diferentes de reagir ao inesperado e, até certo ponto, de o rotinizar.

2.5 Géneros textuais usados na cobertura do atentado

Subdividindo-se as matérias em predominantemente noticiosas ou documentais, por um lado, e em predominantemente argumentativas ou analíticas, por outro, verificou-se que as matérias predominantemente noticiosas dominaram a cobertura em todas as revistas (100% nas revistas brasileiras; percentagens superiores a 82% das revistas portuguesas). O elevado grau de desvio do acontecimento em relação ao que é visto como sendo normal em sociedades de matriz cultural essencialmente ocidental, como a portuguesa e a brasileira, aliado à surpresa e ao choque, poderá constituir o conjunto de razões que estiveram na base do fenómeno. Houve que recordar *o que aconteceu e como aconteceu* para, posteriormente, se fazer o luto. Houve que recordar *o que aconteceu e como aconteceu* para, só depois, se buscarem explicações para o acontecimento.

De qualquer modo, a predominância das matérias noticiosas está também relacionada com o principal papel do jornalismo em sociedade: informar. Recorde-se, por exemplo, o argumento de autoridade de Michael Schudson (2002: 43), para quem o jornalismo que descarta a informação não tem condições para sobreviver. A essa explicação pode acrescentar-se a interpretação de Traquina (2001: 98), na linha de Tuchman (1978), segundo a qual o jornalismo se direcciona para os acontecimentos em detrimento das problemáticas devido ao valor do imediatismo e à “definição de jornalismo como relatos actuais sobre acontecimentos actuais”. O factor tempo (Schlesinger, 1977), o papel da cronamentalidade na cultura jornalística (Schudson, 1986 a; Schudson, 1986 b), o ciclo temporal diário de produção rotineira de informação, que culmina no fecho (Traquina, 2001), as expectativas da audiência (Sousa, 2000) são factores que também contribuirão para esse direccionamento do processo jornalístico para os acontecimentos e não para as problemáticas e, por consequência, para a informação noticiosa em detrimento de outros tipos de informação.

2.6 Nacionalidade das fontes usadas na cobertura do atentado

As revistas tiveram um comportamento dissonante no que respeita à utilização de fontes, sendo, no geral, as revistas portuguesas mais polifónicas do que as brasileiras, até porque a *Isto É* (que apenas cita fontes ocidentais) e a *Época* privilegiam as fontes

ocidentais em detrimento das fontes russas e ossetas. No entanto, com exclusão da *Isto É*, as revistas procuraram oferecer aos leitores uma *visão autóctone* do acontecimento, em maior ou menor grau, citando fontes locais russas e ossetas, o que ajuda a credibilizar e a certificar a informação. Por outro lado, é de destacar que as revistas não seguiram o caminho mais fácil e rotineiro, que seria recorrer, essencialmente, a fontes nacionais, devido à facilidade de acesso. Em contrapartida, não foram citadas fontes islâmicas e apenas a *Visão* e a *Focus* citam fontes chechenas.

Ao *indiciar o caminho e o esforço do jornalista* na pesquisa de informação (as notícias dão pistas do trabalho jornalístico), a citação de fontes relevantes também significa uma *aposta na qualidade* do produto jornalístico.

2.7 Tipologia das fontes usadas na cobertura do atentado

Se bem que a teoria do jornalismo aponte para o tendencial predomínio de fontes “oficiais” nas notícias, a cobertura do atentado pelas revistas foi marcada por uma certa polifonia, em especial nas revistas portuguesas *Focus* e *Visão*. As fontes “oficiais” apenas são maioria relativa na revista portuguesa *Focus*.

É de referir que a *Visão* e a *Focus* citam sequestrados, sendo que a *Focus* cita, inclusivamente, crianças sequestradas, o que funcionou como um tocante manifesto de condenação dos terroristas e do terrorismo pelas suas próprias vítimas. Esta opção permitiu ganhos de *autenticidade* e *vivacidade* na cobertura e de *realismo* no relato. Desse modo, torna-se notório que *as condições de acesso às fontes, por meios directos ou indirectos, condicionam a qualidade (e a polifonia) da cobertura*, sendo que o acesso às fontes depende da existência e das condições de actuação de jornalistas no *espaço do acontecimento*, que podemos definir como o *espaço físico, social e temporal onde o acontecimento e as interações sociais que este gera têm lugar*. De qualquer maneira, é de realçar que, embora eventualmente carentes de informação, as revistas não caíram na tentação fácil e rotineira de auscultar unicamente as “fontes oficiais”, designadamente os detentores de poder político, sobre o acontecimento, indiciando que, pelo menos em ocasiões de crise e choque, a *rotinização do inesperado* faz-se também numa lógica de fuga aos canais de rotina dominantes e habituais. Ou seja, *em condições de choque e trauma, os populares podem ser rotineiramente citados, como vítimas ou testemunhas*.

De realçar que as crianças, vítimas principais de um acto terrorista inconcebível no quadro da civilização ocidental (onde a violência contra as crianças pode ser vista como a última fronteira do terror e da barbárie), só tiveram voz na *Focus*, embora esta circunstância também possa ter decorrido de preocupações éticas dos jornalistas, que procuraram não molestar as crianças e protegê-las na sua dor e sofrimento.

Destaque ainda para o facto de a *Visão* e a *Focus* terem referido os terroristas, mas em duas perspectivas. A *Visão* acentua a sua crueldade; a *Focus* para evocar, em viva voz, as atrocidades cometidas pelos russos na Chechénia.

2.8 Relevância da informação visual sobre o atentado

As revistas brasileiras e a revista portuguesa *Focus* foram mais gráficas e visuais do que a *Visão* e a *Sábado* na cobertura do atentado, por eventuais razões de linha editorial e design. No entanto, pode dizer-se que todas as revistas aproveitaram a informação visual, designadamente infográficos e fotografias jornalísticas, enquanto modalidades discursivas próprias e identitárias do jornalismo impresso, já que as imagens aportam informação e facilitam a compreensão (Sousa, 1998). Além disso, como as imagens tendem a assinalar e destacar os enunciados verbais, pode dizer-se que a cobertura que as revistas fizeram do atentado foi *enfática*, no sentido de que as imagens contribuíram para reforçar, simultaneamente, a importância do acontecimento e da cobertura. As fotografias, *facultando o direito a ver*, permitiram também um maior *entranhamento* e *compreensão* do choque e do terror, mostrando as circunstâncias do sequestro e do ataque aos terroristas, as feições aterrorizadas das crianças, a dor profunda das mães que encontravam os seus meninos e meninas mortos e das pessoas que choravam e lamentavam a perda dos seus entes mais queridos e inocentes.

Registe-se que é de colocar a hipótese de a percentagem de espaço concedida por algumas revistas à cobertura visual do acontecimento (cerca de 50% da superfície informativa sobre o atentado nas revistas brasileiras e na *Focus*) possa decorrer também da ausência de informação relevante para o texto, o que é enfatizado pelo facto de algumas das revistas, como a *Vêja*, terem mesclado mais a informação com a argumentação, por causa do choque.

2.9 Tipo de informação visual na cobertura do atentado

Todas as revistas privilegiaram a fotografia entre os dispositivos de informação visual (sempre ocupando cerca de 80% ou mais na superfície com informação visual sobre o atentado), embora tenham recorrido também aos infográficos (com valores entre 5,4%, na *Veja*, e 24,9%, na *Focus*, da superfície visual informativa sobre o atentado). Pode concluir-se que a existência de imagens fortes, a capacidade que a fotografia tem de fazer do leitor uma testemunha indirecta dos acontecimentos, facultando o *direito a ver*, e o elevado potencial de dramatização visual do acontecimento geraram o predomínio da fotografia entre os dispositivos de informação visual, como é corrente no jornalismo impresso.

É de referir, tal como é identitário das revistas generalistas de informação geral, que todas as fotografias inseridas são coloridas (mais icónicas e realistas), com excepção de uma pequena imagem de arquivo de outro atentado, captada por uma câmara de segurança, publicada na *Visão*. Porém, algumas das fotografias são fotografias coloridas de fotografias a preto-e-branco, o que, para além de apelar à ideia de sobriedade e luto, provoca uma certa sensação de estranheza.

2.10 Conteúdos da foto-informação sobre o atentado (tema principal das fotos)

O elevado grau de dramatismo visual das fotos do atentado e dos mortos e do luto por eles colocou as fotografias com esse conteúdo no centro da cobertura em todas as revistas.. As crianças, assustadas ou mesmo mortas e feridas, centralizam, aliás, a cobertura visual do atentado em todas as revistas (entre 47,6%, na *Veja*, e 88,1%, na *Visão*) da superfície ocupada por fotografias relacionadas com o atentado), emprestando-lhe *carga dramática* e contribuindo, certamente, para chocar, horrorizar e *revoltar* os leitores.

As fotografias fixaram as expressões das crianças assustadas, as feições marcadas pela dor, os mortos em sacos de plástico (incluindo crianças), as crianças cheias de sangue, a angústia dos socorristas com crianças inconscientes, quiçá mortas, ao colo, a mão ensanguentada de uma criança morta segurando ainda uma pequena cruz (apelando à ideia de oposição do Cristianismo das vítimas contra o Islão dos algozes)... Pode, assim, dizer-se que todas as revistas aproveitaram, essencialmente, fotografias relacionadas com o atentado em si e as suas consequências mortais, optando por fruir do valor

testemunhal das fortes imagens fotográficas do acontecimento e das vítimas e traumas que este causou. Foi, desse modo, valorizado o evento em si mesmo, os socorros, os feridos, os mortos, em detrimento de outros enquadramentos.

O elevado número de fotografias em que as *crianças-vítimas* são tema pode contribuir para chocar e sensibilizar o leitor. Mas essas imagens concorrem também, certamente, para a (re)construção e visualização mental do arquétipo da *criança-vítima*, que, com a figura do *terrorista islâmico checheno*, constituem os dois arquétipos mais solidamente construídos e projectados por todas as revistas analisadas.

Em suma, pode dizer-se que a cobertura fotojornalística se centrou no atentado em si, nos socorros e nos mortos e feridos. A *Focus*, a *Sábado* e, em menor grau, a *Veja* acentuam mais as consequências do atentado (os mortos e o luto), enquanto as restantes enfatizam mais o atentado em si e os socorros. Neste particular, o factor nacionalidade não aparenta ser relevante para destrinçar as revistas, mostrando que o jornalismo, no mundo ocidental, comunga várias opções editoriais, devido, hipoteticamente, aos valores comuns que estruturam a civilização ocidental e que cimentam a comunidade jornalística.

A recuperação de informação visual sobre outros atentados terá contribuído, a par do texto, para enquadrar o ataque contra as crianças de Beslan na longa lista de atentados dos terroristas chechenos e dos fundamentalistas islâmicos, bem como, simultaneamente, para o enquadrar na lista dos actos de violência contra crianças. Esses enquadramentos visuais, que reforçam, ademais, os enquadramentos textuais, agravam simbolicamente a *culpa* dos terroristas, ao mesmo tempo que cria alvos visuais de condenação e excomunhão, cuja identificação é reforçada pela inclusão, em ambas as revistas, de fotografias de terroristas islâmicos.

É de salientar que o elevado grau de choque suscitado pelas imagens poderá ter contribuído para fomentar sensações de insegurança, incompreensão e estupefacção entre os leitores.

No que respeita às personagens das fotografias sobre o atentado, pode dizer-se que a informação fotográfica das revistas se orientou para as vítimas, ficando os outros autores do acontecimento, designadamente os terroristas, relativamente na bruma. Mortos, feridos e sequestrados do atentado de Beslan e de outros atentados (no caso das fotografias de arquivo recuperadas com novo enquadramento) constituem, com

excepção da *Focus*, a maioria das personagens presentes nas fotos, sendo as revistas portuguesas *Visão* e *Sábado* particularmente *foto-necrófilas*. Os populares, muitos deles angustiados pela dor, são outro grupo omnipresente na cobertura, que se orientou, solidariamente, para quem mais perdeu e sofreu. Socorristas, soldados e outros intervenientes no resgate surgem pouco nas imagens, devido às opções editoriais seguidas. Outros agentes do espaço público informativo, em especial os detentores do poder político, também foram algo ignorados, mostrando que, pelo menos em ocasiões de choque, nem sempre os jornalistas se apegam às rotinas que intensificam a presença das “fontes oficiais” nas notícias, incluindo nas foto-notícias. Por um lado, há sempre espaços de fuga aos canais de rotina dominantes; por outro lado, também pode ser considerada como rotina produtiva a tentativa de obter fotografias *do que aconteceu e das suas consequências*. Afinal, informar, visualmente, significa, antes de mais, *mostrar o que aconteceu, fazer do leitor testemunha, ainda que testemunha indirecta*.

3. Conclusões

Tendo em conta os dados da análise quantitativa anteriormente apresentados, pode concluir-se o seguinte:

- a) O factor nacionalidade raramente é relevante para explicar as diferenças e semelhanças no comportamento editorial das revistas, pois, na generalidade os casos, não podem dissociar-se as revistas em dois grupos diferentes de acordo com a nacionalidade. As circunstâncias mercadológicas e profissionais (aparentemente transorganizacionais e transnacionais) influenciarão mais o posicionamento editorial de cada órgão de comunicação do que o factor nacionalidade.
- b) O elevado grau de valor-notícia do atentado foi suficiente para relevar a sua cobertura no conjunto do noticiário, pelo que pode aceitar-se a primeira hipótese.
- c) A cobertura centrou-se nos acontecimentos que compuseram o macro-acontecimento “atentado” (acontecimento, autores, reacções...), mas as revistas estudadas providenciaram também algumas matérias argumentativas e contextuais (com excepção da *Época*), pelo que a segunda hipótese pode aceitar-se, embora com algumas reservas.

d) A informação noticiosa foi predominante, apesar de as revistas incluírem também matérias argumentativas e analíticas. Assim, a terceira hipótese pode aceitar-se, tendo o relato centrado-se mais no acontecimento do que nas problemáticas.

e) No que respeita à citação de fontes, as revistas podem dividir-se em dois grupos em função da nacionalidade, já que as portuguesas são mais polifónicas. O “tempo de antena” dado às vítimas e populares reforça a sensação de *autenticidade* da cobertura. De realçar, também, em todas as revistas, a fuga às rotinas dominantes, patente na libertação da tirania da auscultação das “fontes oficiais”, designadamente dos detentores do poder político, normalmente sempre ouvidos nestas ocasiões. A rotinização do inesperado fez-se auscultando, em primeiro lugar, quem sofreu.

f) Todas as revistas recorreram *estruturalmente* à informação visual, fotográfica e infográfica, evidenciando que a infografia tem já um lugar cativo e estruturante no jornalismo impresso. As fotografias tiveram, em todas as publicações, o papel de reforço dos enunciados verbais, já que deram ao leitor a hipótese de (re)ver em imagens fixas as vítimas (em particular as crianças), os esforços para as salvar, o sofrimento dos vivos e demais consequências do atentado. Consequentemente, as revistas deram também ao leitor a oportunidade de se comover com o cenário e participar na condenação e excomunhão dos perpetradores do acto. Porém, visto de outro prisma, a espectacularidade das fotos e de alguns textos e a sua centralização na *criança-vítima*, social e culturalmente determinada, contribui também para as notícias venderem, pois neste aspecto, tragicamente, as “melhores vítimas” são as crianças.

Bibliografia

- ATWATER**, T. “Network evening news coverage of the TWA hostage crisis”. In: **ALALI**, A. O; **EKE**, K. K. (Eds): *Media Coverage of Terrorism: Methods of Diffusion*. Newbury Park: Sage, 1991. pp.63-72.
- SCHLESINGER**, P. Newsmen and their time machine. *The British Journal of Sociology*. No. 28 (3), 1977.
- SCHUDSON**, M. What time means in a news story. *The Gannett Center for Media Studies Occasional Papers*, No. 4, 1986a.
- SCHUDSON**, M. Deadlines, datelines, and history. In: **MANOFF**, R. K. e **SCHUDSON**, M. (Eds.): *Reading the News*, New York: Pantheon Books, 1986b.
- SCHUDSON**, M. Por que é que as notícias são como são. *Comunicação e Linguagens*. No. 8, 1988. pp.17-27.
- SCHUDSON**, M. “What’s unusual about covering politics as usual” In: **ZELIZER**, B. e **ALLAN**, S. (Eds.). *Journalism after September 11*. New York: Routledge, 2002. pp. 36-47.
- SIMMONS**, B.K. “U. S. newsmagazines’ labeling of terrorists”. In: **ALALI**, A.O. e **EKE**, K.K. (Eds). *Media Coverage of Terrorism. Methods of Diffusion*. Newbury Park: Sage, 1991. pp. 23-39.
- SOUSA**, J.P. *As notícias e os seus efeitos*. Coimbra: Minerva Editora, 2000.
- SOUSA**, J.P. “O dia depois. A reacção da imprensa portuguesa ao atentado de 11 de Março de 2004 em Madrid”. *Comunicação ao III Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos*. Santiago de Compostela, Espanha, 2004 a.
- SOUSA**, J.P. Fábrica de heróis: a reacção da imprensa portuguesa de referência à morte de Sérgio Vieira de Mello. *Comunicação ao XXVII Congresso da Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação – INTERCOM – NP*. Jornalismo. Porto Alegre, 2004 b.
- TRAQUINA**, N. *O estudo do jornalismo no século XX* São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2001.
- TRAQUINA**, N. *Jornalismo*. Lisboa: Quimera, 2002.
- TRAQUINA**, N. *A tribo jornalística*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.
- TUCHMAN**, G. Telling stories. *Journal of Communication*. No. 26 (4), 1976.
- TUCHMAN**, G. *Making News. A Study in the Construction of Reality*. New York: The Free Press, 1978.
- WEIMANN**, G.; **BROSIUS**, H.B. “The newsworthiness of international terrorism”. *Communication Research*, 18, 1991. pp. 333-355.